

A Al Qaeda e a guerra contra o terrorismo

Por Michel Chossudovsky*

Introdução

Um dos objectivos principais da guerra de propaganda consiste em «fabricar um inimigo». O inimigo exterior, personificado por Osama Bin Laden, está a «ameaçar os Estados Unidos» e portanto é necessário empreender a guerra preventiva contra os «terroristas islâmicos» para defender a Pátria. As realidades são falseadas. Os Estados Unidos estão sob ameaça de ataque.

Com o pretexto do 11 de Setembro, a criação deste «inimigo exterior» serviu para encobrir os reais objectivos económicos e estratégicos a favor da guerra no Médio Oriente e na Ásia Central. Empreendida por razões de autodefesa, a guerra preventiva é defendida como uma «guerra justa», dotada dum mandato humanitário.

Como o sentimento anti-belicista aumenta e a legitimidade da política da administração Bush começa a afundar-se, devemos dissipar as dúvidas sobre a existência deste ilusório inimigo exterior. O contra-terrorismo e a guerra de propaganda estão ligados. O aparelho de propaganda alimenta a desinformação na cadeia de notícias. As advertências contra o terrorismo têm que parecer autênticas. O objectivo é apresentar os grupos terroristas como inimigos dos Estados Unidos. Ironicamente, a Al Qaeda – o inimigo exterior de EUA e suposto arquitecto dos ataques do 11 de Setembro – foi criada pela CIA. Desde o princípio da guerra entre soviéticos e afegãos, nos primeiros anos da década de 1980, o aparelho de inteligência dos Estados Unidos tem apoiado a formação das «brigadas islâmicas». A propaganda pretende apagar a história da Al Qaeda, tapar a verdade e eliminar as provas de como o inimigo exterior, que depois se converteu no «inimigo público número um», foi fabricado. O aparelho de inteligência dos Estados Unidos engendrou as suas próprias organizações terroristas e ao mesmo tempo vai lançando advertências sobre as organizações terroristas que ele mesmo criou. Entretanto, vai-se pondo em marcha um programa coesivo de contra-terrorismo para perseguir essas organizações terroristas.

Retratado de forma estilizada pelos *media* ocidentais, Osama Bin Laden, apoiado por vários sequazes, constitui-se para os norte-americanos como o 2º papão2 que, após a Guerra Fria, «ameaça a democracia ocidental». A suposta ameaça dos terroristas islâmicos impregna toda a doutrina de segurança nacional dos Estados Unidos. O seu objectivo é justificar as guerras de agressão no Médio Oriente, enquanto nos EUA se estabelecem os contornos do Estado de Segurança da Pátria.

Antecedentes históricos

Quais as origens históricas da Al Qaeda? Quem é Osama Bin Laden?

O suposto cérebro dos ataques terroristas do 11 de Setembro, Osama Bin Laden, de origem saudita, foi recrutado durante a guerra soviético-afegã, «ironicamente sob os auspícios da CIA, para combater os invasores soviéticos». (Hugh Davis: «'Informers' point the finger at Bin Ladin; Washington on alert for suicide bombers». *The Daily Telegraph*, Londres, 24 de Agosto de 1998). Em 1979, no Afeganistão, foi lançada a maior operação secreta da história da CIA:

«Com o apoio activo da CIA e do ISI do Paquistão, que desejavam converter a Jihad afegã numa guerra global de todos os estados muçulmanos contra a União Soviética, cerca de 35.000 radicais muçulmanos de 40 países islâmicos uniram-se, entre 1982 e 1992, para lutar no Afeganistão. Mais algumas dezenas de milhares chegaram para ingressar nas madrassas paquistanesas. Em resumo, mais de 100.000 radicais muçulmanos foram directamente influenciados pela Jihad afegã». (Ahmed Rashid: «The Taliban, Exporting Extremism», *Foreign Affairs*, Novembro-Dezembro 1999).

Este projecto do aparelho da inteligência dos Estados Unidos contou com o apoio activo do *Inter Services Intelligence* (ISI) do Paquistão, ao qual foi confiada a canalização da ajuda militar secreta às brigadas islâmicas e o financiamento, em conjunto com a CIA, das madrassas e dos campos de treino para os *mujahidines* (1).

Esse apoio do governo dos Estados Unidos aos *mujahidines* foi apresentado à opinião pública mundial como uma «resposta necessária» à invasão soviética do Afeganistão em 1979, em auxílio ao governo pro-comunista de Babrak Kamal. A operação militar e de inteligência da CIA no Afeganistão, que consistiu em criar as brigadas islâmicas, tinha sido lançada bastante antes, e não como resposta à entrada das tropas soviéticas no Afeganistão. Na verdade, Washington provocou deliberadamente uma guerra civil que durou mais de 25 anos. O papel da CIA como criadora da Al Qaeda foi confirmado numa entrevista de 1998 a Zbigniew Brzezinski, à época Assessor de Segurança Nacional do presidente Jimmy Carter:

Brzezinski: Segundo a versão oficial da história, a ajuda da CIA aos *mujahidines* começou em 1980, ou seja, depois da invasão do Afeganistão pelo exército soviético, a 24 de Dezembro de 1979. Mas a realidade, secretamente guardada até agora, é muito diferente. Com efeito, foi a 3 de Julho de 1979 que o presidente Carter assinou a primeira directiva para a ajuda secreta aos opositores do regime pro-soviético em Kabul. Nesse mesmo dia escrevi uma nota ao presidente, na qual lhe explicava que, na minha opinião, essa ajuda ia provocar uma intervenção militar soviética.

Pergunta: Apesar do risco, foi um defensor dessa acção secreta. Será que desejavam a entrada soviética na guerra e tentaram provocá-la?

Brzezinski: Não, absolutamente. Não empurrámos os russos para uma intervenção, mas aumentámos, conscientemente, a probabilidade de que o fizessem.

Pergunta: Quando os soviéticos justificaram a sua intervenção, assegurando que tentavam lutar contra uma acção secreta dos Estados Unidos no

Afeganistão, as pessoas não acreditaram. No entanto, havia uma base de verdade. Não lamentou nada, até agora?

Brzezinski: Lamentar o quê? Essa operação secreta foi uma ideia excelente. Consegui meter os russos na armadilha afegã, Quer que lamente? No dia em que os soviéticos cruzaram oficialmente a fronteira, escrevi ao presidente Carter: agora temos a oportunidade da URSS ter a sua Guerra do Vietname. Assim foi, durante quase dez anos, Moscovo teve que manter uma guerra insuportável para o seu governo, um conflito que levou à desmoralização e, finalmente, ao desmembramento do império soviético.

Pergunta: E não lamenta sequer ter apoiado o fundamentalismo islâmico, ter dado armas e assessoramento aos futuros terroristas?

Brzezinski: O que é mais importante na história mundial? Os talibãs, ou o colapso do império soviético? A revolta dalguns muçulmanos ou a libertação da Europa central e o fim da Guerra Fria?

(«The CIA's Intervention in Afghanistan, Interview with Zbigniew Brzezinski, President Jimmy Carter's National Security Adviser», *Le Nouvel Observateur*, Paris, 15-21 de Janeiro de 1998, publicada em inglês, *Centre for Research on Globalisation* (<http://www.globalresearch.ca/articles/BRZ110A.html>, 5 Outubro de 2001).

De acordo com o relato de Brzezinski, a CIA criou a «Rede Militante Islâmica». A «Jihad Islâmica» (ou guerra santa contra os soviéticos) tornou-se parte integrante das estratégias de inteligência da CIA. Os EUA e a Arábia Saudita apoiaram-na e grande parte do seu financiamento provinha do comércio de drogas do Crescente Dourado (2):

«Em Março de 1985, o presidente Reagan assinou a Directiva 'Decisão de Segurança Nacional nº 166', que dava luz verde à intensificação da ajuda militar secreta aos *mujahidines*, deixando claro que a guerra secreta afegã tinha um novo objectivo: derrotar as tropas soviéticas no Afeganistão mediante acções clandestinas, e conseguir a sua retirada. A nova ajuda secreta dos Estados Unidos começou com um aumento significativo dos fornecimentos de armas: um aumento constante, que atingiu as 65.000 toneladas por ano em 1987, bem como um 'fluxo incessante' de especialistas da CIA e do Pentágono, que se deslocaram aos quartéis secretos do ISI paquistanês, situados na estrada principal, cerca de Rawalpindi. Ali, os agentes da CIA reuniram-se com oficiais da inteligência paquistanesa, para colaborar na planificação das operações para os rebeldes afegãos». (Steve Coll, *The Washington Post*, 19 de Julho de 1992.)

A CIA utilizou o ISI paquistanês como intermediário num papel chave, o treino dos *mujahidines*. Da mesma forma, esse treino da guerrilha, patrocinado pela CIA, integrou-se com os ensinamentos do Islão. Foram os fundamentalistas wahabis, financiados pela Arábia Saudita, que criaram as madrassas: «Foi o governo dos EUA que apoiou o ditador paquistanês, General Zia-ul Haq, na criação de milhares de escolas religiosas, das quais emergiram os germes dos talibãs». (Associação Revolucionária das Mulheres do Afeganistão (RAWA), «Declaração da RAWA sobre os ataques terroristas nos EUA», Centro de Investigação sobre Globalização (CRG), 16 de Setembro de 2001): <http://globalresearch.ca/articles/RAW109A.html>.

As questões preponderantes eram que o Islão era uma ideologia sociopolítica completa, que as tropas soviéticas violavam o sagrado Islão e que o povo islâmico do Afeganistão reafirmaria a sua independência expulsando o regime esquerdista afegão, apoiado por Moscovo. (Dilip Hiro, «Fallout from the Afgani Jihad», *Inter Press Services*, 21 de Novembro de 1995.)

O ISI paquistanês foi utilizado como intermediário

O apoio encoberto da CIA à Jihad islâmica foi dado, indirectamente, através do ISI paquistanês, ou seja, a CIA não canalizou o seu apoio aos *mujahidines* de forma directa. Para que essas operações encobertas tivessem êxito, Washington teve muito cuidado para não revelar o objectivo último da Jihad, que consistia, não apenas em desestabilizar o governo laico (pro-soviético) no Afeganistão, mas também em destruir a União Soviética.

Nas palavras de Milton Beardman, da CIA: «Não treinamos os árabes». Com efeito, de acordo com Abdel Monam Saidali, do Centro Al-Aram de Estudos Estratégicos do Cairo, Bin Laden e os árabes afegãos foram formados «mediante tipos de treino muito sofisticados, ministrados pela CIA». (*National Public Radio, Weekend Sunday (NPR)* com Eric Weiner e Ted Clark, 16 de Agosto de 1998).

Beardman, da CIA, confirmou que Osama Bin Laden não estava consciente do papel que representava em nome de Washington. Segundo Bin Laden (como Beardman citou): «Nem eu nem os meus irmãos vimos provas da ajuda dos Estados Unidos». (*National Public Radio, Weekend Sunday (NPR)*, com Eric Weiner e Ted Clark, 16 de Agosto de 1998).

Instigados pelo fervor religioso e nacionalista, os guerreiros islâmicos não se aperceberam que combatiam contra o exército soviético em nome do tio Sam. Apesar de haver contactos aos níveis mais altos da hierarquia da inteligência, os dirigentes rebeldes islâmicos no cenário de guerra não tiveram contactos com Washington nem com a CIA.

Com o apoio da CIA e a canalização de somas massivas de ajuda militar dos Estados Unidos, o ISI paquistanês desenvolveu uma «estrutura paralela, exercendo um poder enorme em todos os sectores do governo» (Dipankar Banerjee, «Possible Connections of ISI With Drug Industry», *India Abroad*, 2 de Dezembro de 1994). O ISI tinha uma organização composta por oficiais e militares de inteligência, burocratas, agentes secretos e informadores, estimada em 150.000 pessoas. (Ibid.)

Entretanto, as operações da CIA também serviram para reforçar o regime militar paquistanês, dirigido pelo General Zia Ul Haq:
«As relações entre a CIA e o ISI eram cada vez mais amistosas e estenderam-se ao sucessor da expulsa Benazir Bhutto, o General Zia, com o advento do regime militar...». Durante a maior parte da guerra afegã, o Paquistão mostrou-se ainda mais agressivamente anti-soviético que os EUA. Pouco depois da invasão do Afeganistão pelo exército soviético em 1980, Zia Ul Haq enviou o

chefe do ISI para desestabilizar os estados soviéticos da Ásia central. A CIA só consentiu nesse plano em Outubro de 1984.

A CIA era mais prudente que os paquistaneses. «Tanto o Paquistão como os EUA adoptaram a tática do engano a respeito do Afeganistão, mediante uma posição pública que pretendia estar a negociar um acordo, enquanto acordavam em privado que a escalada militar era a melhor via». (Diego Cordovez e Selig Harrison, «Out of Afghanistan: The Inside Store of the Soviet Withdrawal», *Oxford University Press*, Nova York, 1995. Veja-se também a revisão de Cordovez e Harrison em *International Press Services*, 22 de Agosto de 1995).

A CIA patrocinou o tráfico de drogas

«A história do comércio de drogas na Ásia central está intimamente relacionada com as operações secretas da CIA. Antes da guerra soviético-afegã, a produção de ópio no Afeganistão e no Paquistão era dirigida aos pequenos mercados regionais. Não havia produção local de heroína», (Alfred McCoy, «Drug Fallout: The CIA's Forty Year Complicity in the Narcotics Trade», *The Progressive*, 1 de Agosto de 1997).

O estudo do investigador Alfred McCoy confirma que, dois anos após a investida da operação da CIA no Afeganistão, «as fronteiras afegano-paquistanesas converteram-se no primeiro produtor mundial de heroína e cobriam 60% da procura dos Estados Unidos». (Ibid.)

«Os activos da CIA controlaram este tráfico de heroína. As guerrilhas *mujahidin* que operavam no Afeganistão ordenaram aos camponeses que plantassem ópio como imposto revolucionário. Através da fronteira do Paquistão, as máfias locais e os dirigentes afegãos, sob a protecção da inteligência paquistanesa, operavam em centenas de laboratórios de heroína. Durante este decénio de comércio descarado de droga, a *Drug Enforcement Agency* dos Estados Unidos, em Islamabad, não conseguiu fazer detenções nem apreensões importantes...» (Ibid.)

O Afeganistão é um centro nevrálgico estratégico na Ásia central, que faz fronteira a ocidente com a China e com a extinta União Soviética. Embora constitua um istmo em direcção aos corredores dos gasodutos e oleodutos que unem o mar Cáspio ao mar Arábico, também é uma zona estratégica para a produção de ópio que, actualmente, segundo fontes das Nações Unidas, fornece mais de 90% da heroína ao mercado mundial, o que representa lucros multimilionários para as máfias do comércio, instituições financeiras, agências de inteligência e crime organizado. (Veja-se Michel Chossudovsky, «America's War on Terrorism», *Global Research*, 2005, capítulo XVI).

Protegida pela CIA, a produção de ópio aumentou na era posterior à Guerra-Fria. Desde a invasão do Afeganistão pelos Estados Unidos, em Outubro de 2001, a produção de ópio aumentou 33 vezes. Os lucros anuais do comércio de drogas no Crescente Dourado estimam-se entre 120.000 e 194.000 milhões de dólares (2006), o que representa mais de um terço da facturação mundial

anual do comércio de narcóticos. (Michel Chossudovsky, «Heroin is good for Your Health, Occupation Forces Support Afgani Drug Trade», *Global Research*, Abril de 2007. Veja-se também Doublas Keh: «Drug Money in a Changing World», documento técnico nº 4, 1998).

Da guerra soviético-afegã à guerra contra o terrorismo

Apesar do desaparecimento da União Soviética, não se desmantelou o extenso aparelho da inteligência militar paquistanesa (ISI). Depois da Guerra Fria, a CIA continuou a apoiar as brigadas islâmicas fora do Paquistão. Puseram-se em marcha novas iniciativas clandestinas no Médio Oriente, Ásia central, Balcãs e sudeste asiático. Durante o período imediatamente posterior ao final da Guerra Fria, o ISI paquistanês «serviu de catalisador para a desintegração da União Soviética e para a aparição de seis novas repúblicas muçulmanas na Ásia central». (*International Press Services*, 22 de Agosto de 1995).

Entretanto, missionários islâmicos da seita wahabi da Arábia Saudita tinham-se estabelecido nas repúblicas muçulmanas e dentro da Federação Russa, invadindo as instituições do Estado laico. Apesar da sua ideologia anti-Estados Unidos, o fundamentalismo islâmico servia em grande medida os interesses estratégicos de Washington na extinta União Soviética, nos Balcãs e no Médio Oriente.

Após a retirada das tropas soviéticas, em 1989, a guerra civil no Afeganistão continuava sem abrandar. Os talibãs eram apoiados pelos *deobandis* (3) paquistaneses e pelo seu partido político, o Jamiat-ul-Ulema-e-Islam (JUI). Em 1993, o JUI entrou na coligação do governo paquistanês da Primeira-ministra Benazzir Bhutto e estabeleceram-se vínculos entre o JUI, o exército e o ISI. Em 1996, com a queda do governo do Hezb-I-Islami Hekmatyar em Kabul, os talibãs não só estabeleceram um governo islâmico de linha dura, mas também «entregaram o controlo dos campos de treino no Afeganistão às facções do JUI...» (Ahmed Rashid, «The Taliban: Exporting Extremism», *Foreign Affaire*, Novembro-Dezembro, 1999, pág. 22).

O JUI, com o apoio do movimento wahabi saudita, desempenhou um papel chave no recrutamento de voluntários para combater nos Balcãs e na União Soviética. (Ibid.)

Jane's Defence Weekly confirma que «metade dos efectivos e do equipamento talibã vem do Paquistão, através do ISI». Na verdade, soube-se que, após a retirada soviética, ambos os bandos da guerra civil afegã continuaram a receber apoio secreto dos EUA através do ISI do Paquistão. (Tim McGirk, «Kabul Learns to Live with its Bearded Conquerors», *The Independent*, Londres, 6 de Novembro de 1996).

Com o apoio da inteligência militar do Paquistão, que por sua vez era controlada pela CIA, o Estado islâmico talibã serviu em grande parte os interesses geopolíticos dos Estados Unidos. Isto explica, sem margem para dúvidas, porque Washington fechou os olhos perante o reino de terror imposto pelos talibãs em 1996, que incluía o flagrante desrespeito pelos direitos das

mulheres, a clausura dos colégios para meninas, o despedimento das mulheres funcionárias dos departamentos governamentais e o reforço das «leis de castigo da Sharia». (K. Subrahmanyam, «Pakistan is Pursuing Asian Goals», *India Abroad*, 3 de Novembro de 1995).

O comércio de drogas do Crescente Dourado foi também utilizado para financiar e equipar o exército muçulmano bósnio (desde os primeiros anos da década de 1990) e o Exército de Libertação do Kosovo (KLA). Na verdade, na época dos ataques do 11 de Setembro, os mercenários *mujahidines* combatiam nas fileiras dos terroristas do KLA-NLA nos seus ataques na Macedónia.

A guerra na Chechénia

Na Chechénia, a renegada região autónoma da Federação Russa, os principais líderes rebeldes, Shamil Basayev e Al Jattab, tinham sido doutrinados e treinados nos campos patrocinados pela CIA no Paquistão e no Afeganistão. Segundo Yossef Bodansky, director do Grupo de Trabalho sobre terrorismo e guerra não convencional do Congresso dos Estados Unidos, a guerra da Chechénia foi planificada durante uma cimeira do Hezbollah Internacional, celebrada em 1996 em Mogadíscio, Somália. (Levon Sevunts, «Who's Calling the Shots? Chechen conflicts finds Islamic roots in Afghanistan and Pakistan», *The Gazette*, Montreal, 26 de Outubro de 1999.)

À cimeira assistiu nada menos que Osama Bin Laden, bem como altos oficiais das inteligências paquistanesa e iraniana. É óbvio que o envolvimento do ISI do Paquistão na Chechénia «vai para além do fornecimento de armas e de especialistas aos chechenos: o ISI e seus compinchas islâmicos radicais são os que estão a provocar esta guerra» (Ibid).

A rota dos oleodutos russos mais importantes passa através da Chechénia e do Daguestão. Apesar das condenações de Washington ao terrorismo islâmico, os beneficiários indirectos das guerras na Chechénia são os conglomerados de companhias petrolíferas anglo-norte-americanas, que competem pelo controlo absoluto dos recursos petrolíferos e dos corredores dos oleodutos no exterior do Mar Cáspio.

Os dois principais exércitos rebeldes chechenos (que naquela altura eram dirigidos pelo (defunto) comandante Shamil Basayev e Emir Jattab), estimados em 35.000 membros, eram apoiados pelo ISI do Paquistão, que também desempenhou um papel fundamental na organização e treino do exército rebelde: «(Em 1994) os Serviços de Inteligência paquistanesas conseguiram que Basayev e os seus lugar-tenentes de confiança passassem por um intenso doutrinamento islâmico e por um treino em guerra de guerrilha na província de Khost, no Afeganistão, no campo de Amir Muawia, estabelecido nos primeiros anos da década de 1980 pela CIA e pelo ISI e dirigido pelo famoso senhor da guerra afegão Gulbuddin Hekmatyar. Em Julho de 1994, após treinar-se em Amir Muawia, Basayev passou ao campo de Markaz-i-Dawar, no Paquistão, para submeter-se a um treino em táticas avançadas de guerrilha. No Paquistão, Basayev reuniu-se com os oficiais de inteligência e militares paquistaneses ao mais alto nível: o ministro da Defesa, general Aftab Shahban

Miran; o ministro do Interior, general Naserullah Babar; e o chefe do ramo do ISI encarregado de apoiar as causas islâmicas, general Javed Ashraf (todos já retirados). Depressa se demonstrou que os contactos de alto nível foram muito úteis para Basayev» (Ibid.).

Após o seu período de treino e doutrinação, Basayev encarregou-se de dirigir os ataques contra as tropas federais russas na primeira guerra chechena, em 1995. A sua organização tinha também desenvolvido amplos vínculos com os sindicatos do crime de Moscovo, bem como laços com o crime organizado albanês e o KLA. Em 1997-98, segundo o Serviço de Segurança Federal da Rússia (FSB), «Os senhores da guerra chechenos começaram a açambarcar propriedades imobiliárias no Kosovo... através de várias empresas imobiliárias fantasma na Jugoslávia». (Vitaly Romanov e Víctor Yadukha, «Chechen Front Moves to Kosovo», *Segodnia*, Moscovo, 23 de Fevereiro de 2000).

Desmantelamento das instituições laicas na extinta União Soviética

O reforço da lei islâmica nas sociedades muçulmanas, na sua maioria laicas, da extinta União Soviética, foi útil para os interesses estratégicos dos EUA na região. Anteriormente, prevalecia uma forte tradição laica, baseada na recusa da lei islâmica, em todas as repúblicas da Ásia central e do Cáucaso, incluindo a Chechénia e o Daguestão (que fazem parte da Federação Russa).

A guerra chechena de 1994-1996, empreendida pelos principais movimentos rebeldes contra Moscovo, serviu para minar as instituições estatais laicas. Em muitas localidades da Chechénia foi implantado um sistema paralelo de governo local, controlado pelas milícias islâmicas. Nalgumas aldeias e cidades pequenas estabeleceram-se tribunais islâmicos da Sharia, sob um reinado de terror político.

A ajuda financeira da Arábia Saudita e dos estados do Golfo aos exércitos rebeldes foi condicionada à implantação dos tribunais da Sharia, apesar da forte oposição da população civil. O Juiz Principal e *Amir* dos tribunais da Sharia na Chechénia era o Sheik Abu Umar, que «chegou à Chechénia em 1995 e uniu-se às filas dos *mujahidines* locais, sob a liderança de Ibn-ul-Jattab... Estabeleceu que se ensinasse o Islão aos *mujahidines* chechenos segundo as crenças correctas, porque muitos deles tinham crenças equivocadas e tergiversadas sobre o Islão». (*Global Muslim News*, <http://www.islam.org.au/articles/21/news.htm>, Dezembro de 1997).

Entretanto, as instituições estatais da Federação Russa ruíam sob as terríveis medidas de austeridade impostas pelo FMI durante a presidência de Boris Yeltsin. Em contraste, os tribunais da Sharia, financiados e equipados pela Arábia Saudita, iam substituindo gradualmente as instituições estatais da Federação Russa e da região autónoma da Chechénia.

O movimento wahabi da Arábia Saudita não apenas invadia as instituições civis do Estado no Daguestão e na Chechénia, como também tentava afastar os tradicionais dirigentes muçulmanos sufitas. Na verdade, a resistência aos

rebeldes islâmicos no Daguestão baseou-se na aliança dos governos (laicos) locais com os *sheiks* sufistas: «Estes grupos [wahabis] consistem em células diminutas, mas bem financiadas e bem armadas. Com estes ataques, propõem-se criar o terror no coração das massas... Ao criar anarquia e caos, estes grupos podem reforçar o seu próprio ramo, duro e intolerante, do Islão... Tais grupos não representam o ponto de vista geral do Islão, sustentado pela imensa maioria dos muçulmanos e eruditos islâmicos, para quem o Islão exemplifica o paradigma da civilização e moralidade perfeitas. O que representam não é mais que um movimento para a anarquia, sob uma etiqueta islâmica... a sua intenção não é de todo a de criar um Estado islâmico, mas sim criar um estado de confusão no qual possam prosperar». (Mateen Siddiqui, «Differentiating Islam from Militant 'Islamists'», *San Francisco Chronicle*, 21 de Setembro de 1999).

Apoio aos movimentos secessionistas na Índia

Em paralelo com as suas operações secretas nos Balcãs e na extinta União Soviética, o ISI do Paquistão, desde a década de 1990, apoiou várias insurreições islâmicas secessionistas na Caxemira indiana.

Embora Washington as tenha condenado oficialmente, essas operações secretas do ISI faziam-se com a aprovação tácita do governo dos Estados Unidos. Coincidindo com o Acordo de Paz de Genebra de 1989 e com a retirada soviética do Afeganistão, o ISI foi o instrumento para a criação dos militantes Jammu e Mujahidines Hizbul de Caxemira (JKHM). (Veja-se K. Subrahmanyam, «Pakistan is Pursuing Asian Goals», *India Abroad*, 3 de Novembro de 1995).

Imediatamente depois do 11 de Setembro, os ataques terroristas de Dezembro de 2001 contra o Parlamento indiano – que contribuíram para pôr a Índia e o Paquistão à beira da guerra – foram dirigidos por dois grupos rebeldes com base no Paquistão, Lashkar-e-Taiba (Exército dos Puros) e Jaish-e-Muhammad (Exército de Muhammad), ambos apoiados secretamente pelo ISI Paquistanês. (*Council on Foreign Relations* (CFR), «Terrorism: Questions and Answers, Harakat ul-Mujahideen, Lashkar-e-Taiba, Jaish-e-Muhammad», <http://www.terrorismanswers.com/groups/harakat2.html>, Washington 2002. Nota: Este relatório já não está na página da Internet do CFR).

O oportuno ataque ao Parlamento indiano, seguido de distúrbios étnicos em Gujarat, em princípios de 2002, foi o culminar dum processo iniciado na década de 1980, financiado pelo dinheiro da droga e amparado pela inteligência militar do Paquistão.

Escusado será dizer que esses ataques terroristas apoiados pelo ISI serviam os interesses geopolíticos dos EUA. O poderoso Conselho de Relações Externas (CFR), que desempenha um papel importante nos bastidores da política externa dos Estados Unidos, confirma que os grupos rebeldes de Lashkar e Jaish são apoiados pelo ISI:

«Através da sua Agência de Serviços de Inteligência (ISI), o Paquistão financiou e deu armas, treino, instalações e ajuda para cruzar as fronteiras de Lashkar e Jaish.² Este apoio – uma tentativa de repetir em Caxemira a 'guerra

santa' das brigadas islamistas internacionais contra a União Soviética no Afeganistão – ajudou a introduzir o Islão radical no conflito de longa duração sobre o destino de Caxemira...

Estes grupos receberam financiamento de outras fontes, para além do governo paquistanês?

Sim. Membros das comunidades do Paquistão e Caxemira em Inglaterra enviaram milhões de dólares por ano, e os simpatizantes wahabis do Golfo Pérsico também deram apoio.

Os islamistas de Caxemira estão vinculados à Al Qaeda?

Sim. Em 1998, o líder de Harakat, Faruq Kahsmiri Jalil, assinou a declaração de Osama Bin Laden, na qual se incentivavam os ataques contra os Estados Unidos, incluindo contra civis, e seus aliados; Bin Laden também é suspeito de financiar o Jaish, segundo oficiais indianos e dos Estados Unidos. E Maulana Massoud Azhar, fundador do Jaish, viajou várias vezes para o Afeganistão, para reunir-se com Bin Laden.

Onde se treinavam estes militantes islamistas?

Muitos tinham treino ideológico nas próprias madrassas, ou em seminários muçulmanos que instruíam os talibãs e os combatentes estrangeiros no Afeganistão. Recebiam treino militar em campos do Afeganistão ou nas aldeias de Caxemira controladas pelo Paquistão. Grupos extremistas abriram há pouco várias madrassas novas em Azad Caxemira». (*Council on Foreign Relations*, «Terrorism: Questions and Answers, Harakat ul-Mujahideen, Lashkar-e-Taiba, Jaish-e-Muhammad», <http://www.terrorismanswers.com/groups/harakat2.html>, Washington, 2002. Este texto foi eliminado da página da Internet do CFR em 2006)

O que o Conselho de Relações Externas (CFR) não reconhece são os vínculos entre o ISI e a CIA e o facto de as «Brigadas islâmicas internacionais» terem sido uma criação da CIA.

Movimentos rebeldes na China patrocinados pelos Estados Unidos

Para entender a guerra dos Estados Unidos contra o terrorismo, também é importante observar a existência de insurreições islâmicas apoiadas pelo ISI na fronteira ocidental da China com o Afeganistão e o Paquistão. Na realidade, vários movimentos islâmicos das repúblicas muçulmanas da extinta União Soviética estão incluem movimentos turkestãos e uigures da região autónoma Uigur de Xinjiang, na China.

Esses grupos separatistas – que incluem a Força Terrorista do Leste do Turkestão, o Partido Reformista Islâmico, a Aliança Unida Nacional do Leste do Turkestão, a Organização de Libertação Uigur e o Partido da Jihad Uigur da Ásia central – todos receberam apoio e treino da Al Qaeda de Osama Bin Laden (segundo fontes oficiais chinesas citadas em UPI, em Novembro de 2001). O objectivo declarado dessas resistências islâmicas na China é o «estabelecimento de um califado islâmico na região». (*Defence and Security*, 30 de Maio de 2001).

O califado seria integrado pelo Uzbequistão, Tadjiquistão, Kirguizistão (Turkestão ocidental) e pela região autónoma Uigur da China (Leste do Turkestão), numa entidade política única.

O «projecto do califado» invade a soberania territorial chinesa. Apoiado por várias fundações wahabis dos Estados do Golfo, o secessionismo na fronteira ocidental chinesa é, de novo, coerente com os interesses estratégicos dos EUA na Ásia central. Entretanto, um poderoso lobby com sede nos EUA canalizava o apoio às forças separatistas do Tibete.

Fomentando tacitamente a secessão da região Uigur de Xinjiang (utilizando o ISI paquistanês como intermediário), Washington está a tentar desencadear um processo mais amplo de desestabilização política e de fractura na República Popular da China. Além dessas diversas operações secretas, os EUA estabeleceram bases militares no Afeganistão e em várias das antigas repúblicas soviéticas, directamente sobre a fronteira ocidental chinesa.

A militarização do Mar do Sul da China e do Estreito de Taiwan também faz parte integrante desta estratégia.

Jugoslávia

Ao longo da década de 1990, o ISI paquistanês foi utilizado pela CIA como intermediário para canalizar armas e mercenários *mujahidines* para o Exército Muçulmano Bósnio na guerra civil da Jugoslávia. De acordo com um relatório da *International Media Corporation*, com sede em Londres: «Fontes fidedignas informam que actualmente (1994) os EUA estão a participar activamente no treino e armamento das forças muçulmanas da Bósnia-Herzegovina, contrariando directamente os acordos das Nações Unidas. Agências dos Estados Unidos têm fornecido armas *made in...* China (PRC), Coreia do Norte (DPRK) e Irão. As fontes indicavam que... o Irão, com o conhecimento e acordo do governo dos Estados Unidos, forneceu um grande número de lançadores múltiplos de mísseis e uma grande quantidade de munições às forças bósnias. Esta munição incluía mísseis de 107 mm e 122 mm da PRC e lançadores múltiplos de mísseis VBR-230... fabricados no Irão. ...informou-se (também) que 400 membros da Guarda Revolucionária Iraniana (Pasdaran) chegaram à Bósnia com um grande fornecimento de armas e munições. Defendeu-se que a CIA tinha total conhecimento da operação e que acreditava que alguns dos 400 tinham sido destacados para futuras operações terroristas na Europa Ocidental. A Administração dos Estados Unidos não limitou o seu envolvimento ao desrespeito clandestino do embargo de armas à região, decretado pelas Nações Unidas... Enviou (também) três delegações de alto nível durante os dois anos anteriores (antes de 1994) e fez tentativas falhadas de alinhar o governo jugoslavo com a política dos Estados Unidos. A Jugoslávia é o único estado da região que não aceitou as pressões dos EUA». (*International Media Corporation, Defence and Strategy Policy, U.S. Commits Forces, Weapons to Bósnia*, Londres, 31 de Outubro de 1994)

De fonte segura

Ironicamente, as operações clandestinas da inteligência militar da administração Bush na Bósnia, que se dedicaram a promover a formação de brigadas islâmicas, foram completamente documentadas pelo Partido Republicano. Um extenso relatório do Comité do Partido Republicano no Senado (RPC) ao Congresso foi publicado em 1997, confirmando em grande parte o relatório citado anteriormente da *International Media Corporation*. O relatório do RPC ao Congresso acusa a Administração Clinton de ter «ajudado a transformar a Bósnia numa base islâmica militante», o que levou ao recrutamento, através da denominada «Rede islâmica militante», de milhares de *mujahidines* do mundo muçulmano:

«A maior ameaça para a missão da SFOR (4) – e, mais importante, para a Segurança do pessoal dos Estados Unidos em serviço na Bósnia – é, talvez, a falta de vontade da administração Clinton de deixar clara, perante o Congresso e perante o povo dos Estados Unidos, a sua cumplicidade na entrega de armas, a partir do Irão, ao governo muçulmano em Sarajevo». Essa política, aprovada pessoalmente por Bill Clinton em Abril de 1994 a pedido do Director designado da CIA – e, na altura, chefe do NSC (5) – Anthony Lake, e do Embaixador dos EUA na Croácia, Peter Galbraith, desempenhou, de acordo com o *Angeles Times* (que cita fontes classificadas dos serviços da inteligência), «um papel central no grave aumento da influência iraniana na Bósnia...»

Juntamente com as armas, entraram na Bósnia Guardas Revolucionários Iranianos e operacionais da inteligência VEVAK em grandes quantidades, além de milhares de *mujahidines* (guerreiros santos) de todo o mundo muçulmano. Nesse mesmo contingente estavam também envolvidos outros países muçulmanos (incluindo o Brunei, Malásia, Paquistão, Arábia Saudita, Sudão e Turquia) e várias organizações radicais muçulmanas. Está muito bem documentado, por exemplo, o papel duma organização humanitária, com sede no Sudão, chamada *Third World Relief Agency* (TWRA). O envolvimento prático da administração Clinton com a rede islâmica de armamento incluiu inspecções de mísseis no Irão feitas por oficiais do governo dos Estados Unidos... A TWRA, com sede no Sudão, uma falsa organização humanitária...foi o vínculo mais importante no corredor de armas para a Bósnia... Acredita-se que a TWRA tem ligações a elementos da rede do terrorismo islâmico, tais como o Sheik Omar Abdel Rahman (o cérebro condenado após o bombardeamento ao World Trade Center, em 1993) e Osama Bin Laden, um rico emigrado Saudita, o qual se acredita ser o financiador de numerosos grupos militantes². (*Washington Post*, 22 de Setembro de 1996. Congressional Press Release, Republican Party Comité (RPC), US Congress, «Clinton Approved Iranian Arms Transfer Help Turn Bósnia into Militant Islamic Base», *Washington DC*, 16 de Janeiro de 1997, disponível na página da Internet do *Centre of Research of Globalisation* (CRG) em: <http://globalresearch.ca/articles/DCH109A.html>. O documento original está na página da Internet do Comité do Partido Republicano no Senado dos EUA (Senador Larry Craig), em: <http://www.senate.gov/rpc/releases/1997/iran.htm>; (veja-se também o *Washington Post*, 22 de Setembro de 1999)

Cumplicidade da administração Clinton

Por outras palavras, o relatório do Comité do Partido Republicano confirma, sem lugar para dúvidas, a cumplicidade da administração Clinton com várias organizações fundamentalistas, incluindo a Al Qaeda.

Naquela altura, os republicanos queriam minar a administração Clinton. Apesar disso, no momento em que todo o país punha os olhos fascinados no escândalo «Monica Lewinsky», os republicanos optaram por não desencadear um inoportuno assunto «*Irão-Bosniagate*» que poderia ter, sem dúvida, desviado a atenção pública do escândalo Lewinsky. Os republicanos queriam impugnar Bill Clinton por «mentir ao povo dos Estados Unidos» sobre o seu *affaire* com a estagiária da Casa Branca. A respeito das suas muito mais importantes «mentiras em política externa» sobre a rota das drogas e as operações clandestinas nos Balcãs, democratas e republicanos mostravam-se, em uníssonos, de acordo, sem dúvida pressionados pelo Pentágono e pela CIA para não revelar os segredos.

Da Bósnia ao Kosovo

O «modelo bósnio», descrito no relatório do RPC, recebeu a réplica do Kosovo. Com a cumplicidade da NATO e do Departamento de Estado dos Estados Unidos, recrutaram-se mercenários *mujahidines* do Médio Oriente e da Ásia Central para combater nas fileiras do Exército de Libertação do Kosovo (KLA) em 1998-99, em grande parte no apoio ao esforço de guerra da NATO.

«A tarefa de armar e treinar o KLA, confirmada por fontes militares britânicas, foi confiada em 1998 à Agência de Inteligência da Defesa dos EUA (DIA) e aos Serviços Secretos da Grã-Bretanha, o MI6, juntamente com alguns membros retirados e outros no activo das 22 SAS (22º Regimento de Serviços Aéreos Especiais da Grã-Bretanha), bem como a três empresas privadas de segurança britânicas e norte-americanas». (*The Scotsman*, Edimburgo, 29 de Agosto de 1999).

«A DIA, dos Estados Unidos, uniu-se ao MI6 para organizar um programa de treino para o KLA», segundo uma alta patente do exército britânico. «O MI6 subcontratou então a operação a duas companhias de segurança britânicas que, por seu turno, contrataram vários antigos membros do regimento (22 SAS). Foram feitas uma série de listas com as armas e o equipamento que o KLA necessitava. Entretanto, continuavam as operações clandestinas: membros no activo do Regimento 22 SAS, na sua maioria da unidade do Esquadrão D, deslocaram-se para o Kosovo antes do início da campanha de bombardeamentos de Março». (*Truth in Media*, «Kosovo in Crisis», Phoenix, Arizona, <http://www.truthinmedia.org/>, 2 de Abril de 1999).

«Enquanto as Forças Especiais SAS britânicas, com bases no norte da Albânia, treinavam o KLA, instrutores militares da Turquia e do Afeganistão, financiados pela Jihad islâmica, colaboravam no treino do KLA em táticas de guerrilha e diversão» (*The Sunday Times*, Londres, 29 de Novembro de 1998). «O próprio Bin Laden visitou a Albânia. Chefiava um dos grupos fundamentalistas que tinham enviado unidades para combater no Kosovo

...pensa-se que Bin Laden levou a cabo uma operação na Albânia em 1994... fontes albanas dizem que Sali Berisha, que era então presidente, tinha vínculos com alguns grupos que mais tarde se provou serem fundamentalistas extremistas» (Ibid.)

Testemunhos no Congresso sobre os vínculos entre o KLA e a Al Qaeda

A meio da década de 1990, a CIA e os Serviços Secretos alemães, o BND, uniram esforços para dar apoio ao Exército de Libertação do Kosovo (KLA). Por seu lado, este recebia apoio da Al Qaeda.

Segundo Frank Cilluffo, do Programa para o crime organizado global, num testemunho de Dezembro de 2000 perante o Comité Jurídico da Câmara de Deputados: «O que em grande medida se ocultava do conhecimento público era o facto de o KLA obter parte dos seus fundos da venda de drogas. A Albânia e o Kosovo estão no coração da 'rota balcânica', que une o Crescente Dourado do Afeganistão e do Paquistão aos mercados de droga da Europa. Estima-se que esta rota facture aproximadamente 400.000 milhões de dólares ao ano e que transporte 80% da heroína destinada ao consumo europeu». (Congresso dos EUA, testemunho de Frank J. Cilluffo, Director Adjunto do Programa contra o crime organizado global, perante o Comité Jurídico do Congresso, Washington D.C., 13 de Dezembro de 2000).

Segundo Ralf Mutschke, da Divisão de Inteligência Criminal da Interpol, também num testemunho perante o Comité Jurídico do Congresso: «O Departamento de Estado dos EUA definiu o KLA como organização terrorista, indicando que financiava as suas operações com dinheiro do comércio internacional da heroína e com créditos de países e indivíduos islâmicos, entre eles, supostamente, Osama Bin Laden». Outro vínculo com Bin Laden é o facto de um seu comandante militar, irmão dum dirigente duma organização da Jihad egípcia, ter dirigido uma unidade de elite do KLA durante o conflito no Kosovo». (Congresso dos EUA, testemunho de Ralf Mutschke, da Divisão de Inteligência Criminal da Interpol, perante o Comité Jurídico do Congresso, Washington DC, 13 de Dezembro de 2000).

Madeleine Albright cobiça o KLA

Os vínculos do KLA com o terrorismo internacional e o crime organizado, documentados pelo Congresso dos Estados Unidos, foram totalmente ignorados pela administração Clinton. Na verdade, nos meses que precederam os bombardeamentos da Jugoslávia, a Secretária de Estado Madeleine Albright esteve muito ocupada na construção de uma «legitimidade política» para o KLA. O exército paramilitar foi promovido – de um dia para o outro – ao estatuto de força «democrática» *bone fide*, no Kosovo. Além disso, Madeleine Albright forçou o caminho da diplomacia internacional: o KLA foi empurrado para desempenhar um papel fundamental nas fracassadas «negociações de paz» de Rambouillet, no início de 1999.

O Senado e o Congresso aprovam tacitamente o terrorismo de Estado

Apesar de vários relatórios do Congresso confirmarem que o governo dos Estados Unidos tinha colaborado estreitamente com a Al Qaeda de Osama Bin Laden, isso não impediu que Clinton, e mais tarde a administração Bush, armassem e equipassem o KLA. Os documentos do Congresso também confirmam que membros do Senado e do Congresso sabiam da relação da administração com o terrorismo internacional. Cita-se a declaração do republicano John Kasich, do Comité de Serviços Armados do Congresso: «Pusemo-nos em contacto (em 1998-99) com o KLA, que era a plataforma de Bin Laden...» (Congresso dos EUA, Transcrições do Comité de Serviços Armados do Congresso, Washington D.C., 5 de Outubro de 1999).

Após os trágicos acontecimentos do 11 de Setembro, republicanos e democratas deram, em uníssono, o seu total apoio ao presidente para empreender a guerra contra Osama.

Em 1999, o Senador Jo Lieberman tinha afirmado, convictamente, que «Lutar pelo KLA é lutar pelos direitos humanos e pelos valores dos Estados Unidos». Nas horas que se seguiram ao ataque com mísseis contra o Afeganistão, no dia 7 de Outubro, o mesmo Jo Lieberman pediu ataques aéreos punitivos contra o Iraque: «Estamos em guerra contra o terrorismo... Não podemos deter-nos em Bin Laden e nos talibãs». Efectivamente, o Senador Jo Lieberman, como membro do Comité de Serviços Armados do Senado, tinha acesso a todos os documentos do Congresso referentes aos «vínculos do KLA com Osama». Ao fazer essa declaração, estava completamente consciente que as agências do governo dos Estados Unidos, bem como a NATO, estavam a apoiar o terrorismo internacional.

A «Rede militante islâmica» e a NATO unem-se na Macedónia

Devido à guerra de 1999 na Jugoslávia, as actividades terroristas do KLA estenderam-se pelo sul da Sérvia e da Macedónia. Entretanto, o KLA – rebaptizado como o Corpo de protecção do Kosovo (KPC) – acolheu-se ao estatuto das Nações Unidas, o que implicava a aprovação de fontes «legítimas» de financiamento através da ONU, bem como através de canais bilaterais, incluindo a ajuda militar directa dos EUA.

Apenas dois meses depois da estreia do KPC sob os auspícios da ONU (Setembro de 1999), os comandantes do KPC-KLA – utilizando recursos e equipamento da ONU – já estavam a preparar ataques na Macedónia, como continuação lógica das suas actividades terroristas no Kosovo. Segundo o *Skopje Daily Dnevnik*, o KPC tinha estabelecido uma «sexta zona operativa» no sul da Sérvia e na Macedónia: «Certas fontes, que insistem no anonimato, declaram que em Tetovo, Gostivar e Skopje, já se estabeleceram quartéis das brigadas de protecção do Kosovo (vinculadas ao KPC patrocinado pela ONU). Estão também a preparar-se em Debar e Struga (na fronteira com a Albânia) e os seus membros têm códigos definidos». (Macedonian Information Centre Newsletter, Skopje, 21 de Março de 2000, publicado por *BBC Summary of World Broadcast*, 24 de Março de 2000).

Segundo a *BBC*, «forças especiais ocidentais estavam também a treinar as guerrilhas», o que significa que estavam a ajudar o KLA a abrir a sexta zona de operações no sul da Sérvia e na Macedónia». (*BBC*, 29 de Janeiro de 2001).

«Entre os mercenários estrangeiros que lutavam na Macedónia em 2001, nas filas do autoproclamado Exército de Libertação Nacional (NLA), havia *mujahidines* do Médio Oriente e das repúblicas da Ásia central da extinta União Soviética. Havia também, dentro das forças do KLA na Macedónia, mercenários da Grã-Bretanha, Holanda e Alemanha. Alguns destes mercenários ocidentais tinham lutado previamente com o KLA e com o Exército muçulmano bósnio». (*Scotland on Sunday*, 15 de Junho de 2001. Veja-se também *UPI*, 9 de Julho de 2001. Para mais detalhes veja-se, de Michel Chossudovsky: «America's War on Terrorism», *Global Research*, 2005, capítulo III).

Amplamente documentado pela imprensa macedónia e por declarações das autoridades macedónias, o governo dos Estados Unidos e a Rede militante islâmica trabalhavam em equipa, apoiando e financiando o chamado Exército de libertação nacional (NLA), que estava implicado em ataques terroristas na Macedónia. O NLA é um ramo do KLA. Por seu lado, o KLA e o KPC, patrocinado pela ONU, são instituições idênticas, com os mesmos comandantes e pessoal militar. Os comandantes do KPC, a soldo da ONU, combatiam no NLA ao lado dos *mujahidines*.

Mas as coisas eram ainda mais perversas: enquanto a Al Qaeda de Osama Bin Laden apoiava e financiava o KLA-NLA, este também recebia apoio da NATO e da missão das Nações Unidas no Kosovo (UNMIK). Na verdade, a Rede militante islâmica ainda constitui parte integrante das operações de inteligência militares clandestinas de Washington na Macedónia e no sul da Sérvia.

Os terroristas do KLA-NLA eram financiados pela ajuda do exército dos Estados Unidos, pelo orçamento para a manutenção da paz das Nações Unidas e por várias organizações islâmicas, incluindo a Al Qaeda. Utilizava-se também o dinheiro da droga para financiar aos terroristas com a cumplicidade do governo dos Estados Unidos. O recrutamento de *mujahidines* para combater nas filas do NLA na Macedónia fez-se através de vários grupos islâmicos.

Os conselheiros militares dos Estados Unidos misturaram-se com os *mujahidines* na mesma força paramilitar e mercenários ocidentais dos países da NATO lutavam ao lado dos *mujahidines* recrutados no Médio Oriente e na Ásia Central. E os *media* dos Estados Unidos definem isto como um «contratempo» por causa do qual supostos «activos da inteligência» se voltaram contra os seus patrocinadores!

Mas tudo isto não aconteceu durante a Guerra Fria! Aconteceu na Macedónia em 2000-2001. Confirmado por numerosos relatórios de imprensa, relatos de testemunhas, provas fotográficas, bem como declarações oficiais do Primeiro-ministro macedónio, que acusou a aliança militar ocidental de incitar o terrorismo. Poucos meses antes dos ataques do 11 de Setembro, os EUA tinham estado a apoiar as brigadas islâmicas.

A agenda oculta de Washington

A política externa dos Estados Unidos não encaixa com o objectivo de travar a onda do fundamentalismo islâmico. Na verdade, funciona ao contrário: o importante desenvolvimento do Islão radical, devido à Guerra Fria com a União Soviética e o Médio Oriente, coincide com a agenda oculta de Washington. Esta última consiste em apoiar, e não combater, o terrorismo internacional, ao mesmo tempo que desestabiliza as sociedades nacionais e impede a articulação de autênticos movimentos sociais laicos dirigidos contra o império dos Estados Unidos.

Washington continua a apoiar – através das operações secretas da CIA– o desenvolvimento do fundamentalismo islâmico em todo o Médio Oriente, na antiga União Soviética, na China e na Índia.

Por todo o mundo em vias de desenvolvimento, o crescimento do sectarismo, do fundamentalismo e de organizações desse tipo, serve os interesses dos Estados Unidos. Essas diversas organizações e revoltas armadas desenvolveram-se principalmente em países onde as instituições do Estado colapsaram por culpa das reformas económicas patrocinadas pelo FMI.

Essas organizações fundamentalistas contribuíram para destruir e afastar as instituições laicas.

O fundamentalismo islâmico cria divisões sociais e étnicas. Destrói a capacidade dos povos para se organizarem contra o império dos Estados Unidos. Essas organizações ou movimentos, como o dos talibãs, frequentemente fomentam a oposição ao tio Sam de um modo que não constitui qualquer ameaça real para os principais interesses económicos e geopolíticos dos Estados Unidos.

Apagando a história da Al Qaeda

Desde Setembro de 2001, a maior parte da história da Al Qaeda foi apagada. É raro mencionarem-se os vínculos das sucessivas administrações dos Estados Unidos com a rede do terror islâmico.

Em Outubro de 2001 iniciou-se uma grave guerra no Médio Oriente e na Ásia central, supostamente contra o terrorismo internacional, por um governo que tinha abrigado o terrorismo internacional como parte da sua agenda de política externa. Ou seja, fabricou-se totalmente a justificação principal para empreender a guerra contra o Afeganistão e o Iraque. O povo dos Estados Unidos foi, deliberada e conscientemente, enganado pelo seu governo.

Essa decisão de enganar o povo dos Estados Unidos foi tomada no 11 de Setembro de 2001, poucas horas apenas após os ataques terroristas contra o World Trade Center. Sem provas que apoiassem a tese, Osama aparecia identificado como o «principal suspeito». Dos dias depois, 5ª feira, 13 de

Setembro – ainda a investigação do FBI mal tinha começado – o presidente Bush comprometeu-se a «levar ao mundo a vitória».

Embora a CIA tenha reconhecido tacitamente que a Al Qaeda, durante a Guerra Fria, foi um «activo da inteligência», também referiu que essa relação pertencia a um tempo passado.

A maior parte dos relatórios e notícias após o 11 de Setembro tende considerar que os vínculos entre a Al Qaeda e a CIA pertencem a «outra época», aos tempos da guerra soviético-afegã. Invariavelmente, consideram-se irrelevantes para entender o 11 de Setembro e a guerra global contra o terrorismo. Mas poucos meses antes do 11 de Setembro havia provas de colaboração activa entre membros do exército dos Estados Unidos e operativos da Al Qaeda na guerra civil da Macedónia.

O papel da CIA no apoio e desenvolvimento das organizações terroristas internacionais durante a Guerra Fria, perdido no aluvião da história recente, é ignorado ou desprezado pelos *media* ocidentais.

Um flagrante exemplo da distorção dos *media* após o 11 de Setembro é a tese do «*blowback*» (6): diz-se que os «activos de inteligência se voltaram contra os seus patrocinadores; as nossas armas voltaram-se contra nós». Numa exibição de lógica retorcida, a administração dos Estados Unidos e a CIA são retratadas como vítimas desgraçadas:

«Os sofisticados métodos ensinados aos *mujahidines* e os milhares de toneladas de armas que os EUA – e a Grã-Bretanha – lhes forneceram, atormentam agora o Ocidente com o fenómeno conhecido como ‘*blowback*’, em que uma estratégia política se volta contra os seus ideólogos». (*The Guardian*, Londres, 15 de Setembro de 2001).

No entanto, os *media* dos Estados Unidos reconhecem que a chegada dos talibãs ao poder (em 1996) é em parte resultado do apoio dos Estados Unidos aos *mujahidines* – o grupo islâmico radical – durante a guerra da década de 1980 contra a União Soviética. Mas também ignoram facilmente as suas próprias declarações fácticas e concluem em coro que a CIA foi enganada por um falso Osama. É como a história do «filho que se rebela contra o seu pai».

A tese do golpe de resposta é uma maquinação

A CIA nunca cortou os seus vínculos com a «Rede militante islâmica». Há provas suficientes de que Al Qaeda continua a ser uma entidade de inteligência patrocinada pelos Estados Unidos. Apresenta-se a Al Qaeda como o arquitecto do 11 de Setembro, sem mencionar os seus vínculos históricos com a CIA e com os serviços secretos do Paquistão, ISI.

Ao mesmo tempo que a Al Qaeda continua a estar firmemente sob o controlo dos serviços secretos dos Estados Unidos, o governo desse país fez repetidas declarações de que este «inimigo exterior» atacará de novo, e de que está para acontecer um novo 11 de Setembro, nos Estados Unidos ou em qualquer outra parte do mundo ocidental: « (Há) indicadores de que o ataque a curto prazo...

igualará ou até superará os ataques do 11 de Setembro... e parece claro que a capital do país e a cidade de Nova Iorque, provavelmente, estão em todas as listas». (Declarações de Tom Ridge, no Natal de 2003).

«Pergunta-me se é grave? Pode apostar o que quiser. As pessoas não fazem isso a menos que a situação seja grave». (Donald Rumsfeld, 2003).

«Há relatórios verosímeis que indicam que a Al Qaeda planeia perpetrar ataques em grande escala nos Estados Unidos, numa tentativa de perturbar o nosso sistema democrático. Trata-se duma informação grave sobre os que desejam fazer-nos mal... Mas cada dia que passa o nosso país fica mais forte». (George W. Bush, Julho 2004).

«O inimigo que atacou no 11 de Setembro está quebrado e debilitado, mas continua a ser letal, e pretende atacar-nos de novo». (Dick Cheney, Julho 2006).

«Outro ataque como o do 11 de Setembro poderia criar ao mesmo tempo uma justificação e uma oportunidade para retaliar contra alguns objectivos conhecidos». (Funcionário do Pentágono, citado pelo *Washington Post* a 23 de Abril de 2006).

Propaganda de guerra

Um ataque terrorista da envergadura e natureza do perpetrado no 11 de Setembro, em território dos Estados Unidos, conduziria – segundo o ex comandante-chefe do US Central Command (USCENTCOM), o general Tommy Franks – à liquidação do governo constitucional. Numa entrevista de Dezembro de 2003, pouco mencionada nos *media* dos EUA, o general Franks descrevia um guião consistente: a suspensão da Constituição e a instalação dum governo militar nos Estados Unidos:

«Nalgum lugar do mundo ocidental produzir-se-á uma acção terrorista massiva e muito mortífera – talvez nos Estados Unidos— que fará as pessoas questionarem a nossa própria Constituição e será o começo da militarização do nosso país, com o fim de evitar uma repetição de outra acção massiva e letal» (Cigar Aficionado, Dezembro de 2003).

Franks aludia a um acontecimento como o ataque a Pearl Harbor (Dezembro de 1941), que seria utilizado para galvanizar a opinião pública dos Estados Unidos no apoio a um governo militar e a um estado policial.

A «acção terrorista massiva e muito mortífera» era, para o general Franks, um ponto de inflexão crucial. A crise, a agitação social e a indignação pública subsequentes, facilitaríamos uma mudança de amplo espectro nas estruturas políticas, sociais e institucionais dos Estados Unidos.

É importante compreender que o general Franks não estava a dar uma opinião pessoal sobre este assunto. A sua afirmação corresponde ao ponto de vista dominante no Pentágono e no Departamento de Segurança Nacional (*Homeland Security*) sobre o que fazer em caso de emergência nacional.

«Acontecimentos que causariam uma grande mortalidade»

Os «acontecimentos que causariam uma grande mortalidade» são uma parte integrante da doutrina militar. A destruição e a perda de vidas derivadas de um ataque terrorista contribuem para criar uma onda de indignação pública. Estabelecem as condições de medo e intimidação colectivos que facilitam a derrogação das liberdades públicas e a introdução de medidas próprias dum Estado policial.

Os ataques do 11 de Setembro ao World Trade Center e ao Pentágono utilizaram-se para galvanizar o apoio público à invasão do Afeganistão, que teve lugar apenas quatro semanas mais tarde. Sem provas que o demonstrassem, a Al Qaeda, que supostamente contava com o apoio do governo talibã, foi declarada responsável pelos ataques do 11 de Setembro.

A planificação de um cenário bélico de grande envergadura tinha começado muito tempo antes do 11 de Setembro. Embora o exército dos EUA já estivesse num «avançado estado de disponibilidade» muito antes dos ataques do 11 de Setembro, a decisão de declarar guerra ao Afeganistão foi tomada na noite do 11 de Setembro e foi anunciada formalmente na manhã seguinte. Entretanto, a NATO, invocando o artigo 5 do Tratado de Washington, declarou guerra ao Afeganistão em nome de todos os Estados membros signatários da Aliança. A declaração de guerra da NATO, fundamentada no princípio de «autodefesa», foi tornada pública 24 horas depois dos ataques do 11 de Setembro.

O artigo 5 do Tratado de Washington foi invocado pela primeira vez a 12 de Setembro de 2001. Os aliados europeus dos Estados Unidos e o Canadá deram o seu apoio após os ataques terroristas, e a NATO fez sua a «Guerra global contra o terrorismo» preconizada pelos EUA. Catorze países membros da NATO enviaram tropas para o Afeganistão (*NATO Review*, verão de 2006: <http://www.nato.int/docu/review/2006/issue2/english/summaries.html>)

Operação Northwoods

A «acção massiva e muito mortífera» do 11 de Setembro teve um papel crucial no processo de planificação militar. Aos olhos da opinião pública, proporcionou um pretexto para a guerra.

O encadeamento de «incidentes que serviram de pretexto para a guerra» forma parte dos pressupostos do Pentágono. Na verdade, forma parte também da história militar dos Estados Unidos. Em 1962, a Junta de Chefes de Estado Maior tinha um plano secreto denominado Operação Northwoods, para causar deliberadamente a morte de civis, de modo a justificar a invasão de Cuba:

«Poderíamos fazer saltar pelos ares um navio dos Estados Unidos na baía de Guantánamo e culpar Cuba da acção. Poderíamos desencadear uma campanha de terror cubano-comunista na zona de Miami e noutras cidades da Florida, e mesmo em Washington. As listas de vítimas publicadas pelos diários dos Estados Unidos provocariam uma aprovadora onda de indignação nacional». (Documento *top secret* de 1962, actualmente desclassificado,

intitulado «Justification for U.S. Military Intervention in Cuba» (Justificação de uma intervenção militar dos EUA em Cuba. Relativamente à Operation Northwoods veja-se <http://www.globalresearch.ca/articles/NOR1111A.html>.)

Ameaças terroristas e acções terroristas

Para ser efectiva, uma campanha de medo e desinformação não pode basear-se unicamente em supostas ameaças de futuros ataques; é preciso que haja realmente acções terroristas ou incidentes que dêem credibilidade aos planos bélicos governamentais. Nesses casos, a propaganda proporciona argumentos quanto à necessidade de tomar medidas de emergência e levar a cabo acções bélicas de represália.

Tanto as ameaças terroristas como as próprias acções terroristas serviram de pretexto para justificar decisões militares de grande repercussão.

Após os atentados de Julho de 2005 em Londres, soube-se que o vice-presidente dos Estados Unidos, Dick Cheney, deu instruções ao alto comando estratégico (USSTRATCOM) para que elaborasse um plano de emergência «que se utilizaria como resposta a outro ataque terrorista similar ao do 11 de Setembro contra os Estados Unidos». No dito plano, era ponto assente que o Irão estaria por trás de um segundo 11 de Setembro.

Este plano de emergência tinha como pretexto um segundo 11 de Setembro, antes que sucedesse, para preparar uma operação militar de grande alcance contra o Irão, relacionando-o com o seu (inexistente) programa de armas nucleares.

O que é realmente diabólico nesta decisão do vice-presidente dos EUA é que a justificação que apresentava para declarar guerra ao Irão era baseada na participação iraniana num hipotético ataque terrorista aos Estados Unidos que ainda não tinha ocorrido:

«O plano incluía um ataque aéreo em grande escala sobre o Irão no qual se utilizariam armas convencionais e armas nucleares tácticas. No Irão há mais de 450 objectivos estratégicos principais, entre outras instalações suspeitas de formar parte de um programa de armas nucleares que não estão em funcionamento. Muitos dos objectivos estão blindados e são subterrâneos, a grande profundidade, o que os torna inatacáveis por meios convencionais; daí a opção nuclear. Tal como no caso do Iraque, a resposta não está condicionada à participação real do Irão numa acção terrorista contra os Estados Unidos. Sabe-se que alguns oficiais da força aérea dos EUA participantes nesta planificação estão horrorizados pelas implicações do que estão a fazer – a montagem contra o Irão que justifique um ataque nuclear não provocado – mas nenhum deles está disposto a pôr em perigo a sua carreira e a tornar públicas as suas objecções». (Philip Giraldi, *Attack on Iran: Preemptive Nuclear War*, *The American Conservative*, 2 de Agosto de 2005).

Devemos supor que os planificadores militares britânicos, israelitas e dos Estados Unidos, estão tranquilamente à espera dum novo 11 de Setembro para lançar uma operação militar contra a Síria e o Irão?

O plano de emergência proposto por Cheney não tem nada a ver com a prevenção dum suposto 11 de Setembro. Tal plano baseia-se na suposição de que o Irã está por trás dum segundo 11 de Setembro e de que os bombardeamentos punitivos poderiam fazer-se imediatamente, tal como os ataques contra o Afeganistão em Outubro de 2001, em represália ao suposto apoio do governo talibã aos terroristas do 11 de Setembro.

É útil lembrar que uma guerra não se planifica em três semanas: o bombardeamento e a invasão do Afeganistão foram planeados muito antes do 11 de Setembro. Como refere Michael Keefer, num incisivo artigo de análise: «A um nível mais profundo, implica que os 'ataques terroristas segundo o modelo do 11 de Setembro' representam para Dick Cheney, os seus altos dirigentes e os do Pentágono, um meio adequado para legitimar as guerras de agressão contra qualquer país previamente seleccionado para este fim, pelo governo e seu sistema corporativo de amplificação propagandística» (Michael Keefer, «Petrodollars and Nuclear Weapons Proliferation: Understanding the Planned Assault on Iran», *Global Research*, 10 de Fevereiro de 2006).

Desde 2001, o vice-presidente Cheney tem reiterado a sua advertência acerca de um segundo 11 de Setembro, em várias ocasiões:

«O inimigo que nos atacou no 11 de Setembro está quebrado e debilitado, mas continua a ser letal e continua decidido a atacar-nos de novo». (*Waterloo Courier*, Iowa, 19 de Julho de 2006)

Justificação e oportunidade para retaliar contra objectivos previstos

Em Abril de 2006, o ex-secretário de Defesa, Donald H. Rumsfeld, lançou um plano militar de grande alcance para combater o terrorismo em todo o mundo, com o objectivo de retaliar no caso de um segundo ataque terrorista importante contra os Estados Unidos.

«O secretário de Defesa, Donald H. Rumsfeld, lançou o plano militar mais ambicioso de sempre para combater o terrorismo em todo o mundo e responder mais rápida e decisivamente em caso doutro ataque terrorista importante contra os Estados Unidos», segundo informam responsáveis do Pentágono.

Considera-se que o plano de campanha para a guerra mundial contra o terrorismo, longamente esperado, bem como dois planos acessórios também aprovados no mês passado por Rumsfeld, constituam prioridade do Pentágono, segundo afirmam pessoas que conhecem os três documentos, e que nos informaram com a condição de manter o anonimato, pois não estão autorizados a fazê-lo publicamente.

«Os detalhes do plano são secretos, mas em geral prevêem um maior papel dos militares – em particular um aumento das tropas de elite de operações especiais— em operações contínuas de luta contra o terrorismo fora das zonas de guerra, como o Iraque ou o Afeganistão. Estes planos, desenvolvidos ao longo de três anos pelo Special Operations Command (SOCOM) em Tampa

(Florida), reflectem o crescimento da participação do Pentágono em domínios tradicionalmente geridos pela CIA e pelo Departamento de Estado». (*Washington Post*, 23 de Abril de 2006)

Este plano baseia-se na possibilidade dum segundo 11 de Setembro e na necessidade de ripostar quando os EUA forem atacados:

«Um terceiro plano estabelece o método para que os militares neutralizem e respondam a outro golpe terrorista importante nos Estados Unidos. Inclui uma extensa série de anexos que oferecem um leque de opções para responder rapidamente a grupos terroristas, indivíduos ou Estados patrocinadores concretos, em função de quem esteja atrás do ataque. Outro ataque constituiria também uma justificação e uma oportunidade, hoje inexistente, para atacar alguns objectivos previstos, segundo altos responsáveis, actuais e antigos, do Departamento de Defesa, familiarizados com o plano».

«O plano pormenoriza a que terroristas – a que “maus” – atacaríamos nessa altura. Mas essa altura ainda não chegou», afirmou um alto responsável, que pediu o anonimato perante a delicadeza do assunto. (*Washington Post*, 23 de Abril de 2006)

A suposição na qual se baseia este documento militar é que um segundo 11 de Setembro, actualmente inexistente, seria uma ferramenta útil para criar uma «justificação e uma oportunidade para entrar em guerra contra ‘certos objectivos previstos’ (Irão e Síria)».

A realidade tergiversa completamente. Esta campanha de desinformação foi lançada a todo o gás pelos *media* da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, que apontam cada vez mais para uma «guerra preventiva» como acção de autodefesa contra a Al Qaeda e os Estados patrocinadores do terrorismo, que supostamente estão a preparar um segundo 11 de Setembro. O objectivo subjacente consiste, em última instância, em criar, mediante o medo e a intimidação, a aceitação por parte do público duma nova etapa da guerra contra o terrorismo no Médio Oriente, dirigida desta vez contra a Síria e o Irão.

Observações finais

O pretexto dum ataque da Al Qaeda aos Estados Unidos está a ser utilizado com profusão pelo governo Bush e pelo seu fiel aliado britânico para galvanizar a opinião pública no apoio a um programa militar mundial.

Trata-se dum assunto conhecido e documentado: a «rede do terrorismo islâmico» é uma criação do aparelho dos serviços secretos dos Estados Unidos. Há provas concludentes de que algumas das acções que produziram um grande número de vítimas foram lançadas pelos militares ou pelos serviços secretos. Da mesma forma, está provado que vários alertas de actos terroristas se basearam em relatórios secretos falsos, como no caso do falhado caso de «ataque mediante bombas líquidas» de Londres, em 2006, no qual os supostos piratas aéreos não tinham adquirido os bilhetes de avião e vários deles nem sequer tinham passaporte, imprescindível para embarcar.

A guerra contra o terrorismo é uma farsa. A narrativa à volta do 11 de Setembro, criada pela Comissão do 11-S, é uma montagem. O governo de Bush está implicado em acções de encobrimento e cumplicidade ao seu mais alto nível.

Revelar as mentiras nas quais se apoia o 11 de Setembro deveria servir para contestar a legitimidade da guerra contra o terrorismo.

Revelar as mentiras nas quais se apoia o 11 de Setembro deveria ser parte integrante dum sólido movimento contra a guerra.

Se questionarmos o 11 de Setembro, tiramos o tapete debaixo dos pés aos criminosos de guerra que ocupam as mais altas magistraturas, e a montagem da Segurança nacional no seu conjunto desmorona-se como um castelo de cartas.

Notas de tradução:

(1) *Mujahidine*: combatente islâmico.

(4) Crescente Dourado é o nome que se dá à principal zona asiática dedicada ao cultivo ilegal do ópio, que coincide com três Nações: Afeganistão, Irão e Paquistão, cujas periferias montanhosas dão forma a esse crescente.

(3) Termo que significa, em Urdu, movimento de revitalização do islamismo sufíta, que teve origem na Índia e se estendeu a outros países. O nome deriva de Deoband, na Índia, onde se situa a escola Daroul Ulum Deoband.

(4) SFOR: Siglas em inglês da Força de estabilização na Bósnia-Herzegovina

(5) NSC, siglas em inglês do Conselho de Segurança Nacional.

(6) *Blowback*, termo inglês muito utilizado actualmente, no campo da espionagem, para descrever as inesperadas consequências de muitas operações secretas.

Texto original em inglês:

<http://www.globalresearch.ca/index.php?context=va&aid=7718>

* Michel Chossudovsky, amigo e colaborador de odiario.info é Professor de Economia na Universidade de Ottawa e director do Centro de Investigação da Globalização, em www.globalresearch.ca.

Tradução de Luzia Paramés